

## TRÊS CONVERSAS DE ESPAÇO

ANTÓNIO NÓVOA<sup>1</sup>

ANDRÉ NÓVOA<sup>2</sup>

*O melhor é voltar atrás, ao começo de tudo. Há mil anos (ou mais),  
alguém repara atentamente numa garrafa cheia de água e  
descobre a primeira objectiva. Lá está a imagem da realidade,  
quando os raios solares passam através da água.*

Carlos de Oliveira

Em *Finisterra. Paisagem e Povoamento*, Carlos de Oliveira descobre a imagem da realidade nos raios que passam pela água, mas não deixa de acrescentar, um pouco mais à frente, quando fala de fumos e fogos: “Isto não é real... Não se pode fotografar” (1979: 164).

À partida, tudo nos inclinava para falar sobre o espaço num sentido metafórico – o espaço cultural, social, político. Mas acabámos por escolher outro caminho, mais arriscado, interrogando-nos sobre o espaço visível e invisível, conhecido e desconhecido.

Uma das personagens de Camilo Castelo Branco, nas *Noites de insónia, oferecidas a quem não pode dormir*, propõe-se falar com tempo: “Se a tua impaciência consente, conversaremos de espaço”. Também nós deixaremos três conversas, de espaço, que são mesmo três conversas, curtas, diferentes, mas que talvez se entrelacem entre si.

---

Recebido: Março 2015. Aceite: Junho 2015.

<sup>1</sup> **António Nóvoa** é Reitor Honorário da Universidade de Lisboa. Foi Reitor da Universidade entre 2006 e 2013. Doutor em Ciências da Educação (Universidade de Genebra) e Doutor em História (Universidade de Paris IV - Sorbonne), é Professor Catedrático do Instituto de Educação. A sua obra publicada contém mais de 200 títulos sobre temas de educação e de história. E-mail: [novoa@reitoria.ulisboa.pt](mailto:novoa@reitoria.ulisboa.pt)

<sup>2</sup> **André Nóvoa** é research fellow em Geografia na Northeastern University, Boston, e investigador colaborador do Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. Doutorou-se em Geografia pelo Royal Holloway, University of London, com uma tese orientada por Tim Cresswell. Licenciado em História pela Universidade Nova de Lisboa e mestre em Antropologia pelo Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa. Os seus interesses de investigação centram-se em temáticas relacionadas com mobilidade humana e identidades contemporâneas. A sua obra está publicada em revistas como *Mobilities* e *Environment and Planning A*. E-mail: [novoa.andre@gmail.com](mailto:novoa.andre@gmail.com)

A primeira é sobre os espaços infinitos, a necessidade de ir além da superfície horizontal do espaço e estudar o infinitamente pequeno e o infinitamente grande.

A segunda é sobre a proximidade e a distância, com o espaço a ser definido como distância até à época contemporânea, assistindo-se, nos tempos actuais, à emergência de novas lógicas, físicas e virtuais, de “estar próximo” e de “estar distante”.

A terceira é sobre o espaço no tempo, sobre a necessidade de pensar o espaço na sua relação com o tempo, e vice-versa, abrindo para uma compreensão dos espaços que existem no tempo e dos tempos que existem no espaço.

## I. ESPAÇOS INFINITOS

*Todo este mundo visível não é senão um traço imperceptível no amplo seio da natureza.*

Pascal

É possível argumentar que vivemos, pelo menos desde meados do século XX, num mundo inteiramente cartografado. Toda a superfície terrestre foi observada, percorrida, lida e apreendida. Claro que há sempre novos aspectos a desvendar e que novas interpretações surgem daquilo que é conhecido. Já em 1947, num dos textos fundadores da Geografia cultural, afirmava John K. Wright:

“Actualmente, os geógrafos raramente ou nunca têm a oportunidade de entrar em alguma das *terræ incognitæ* literais – um território totalmente inexplorado (...). Se a *terra incognita* for concebida em sentido absoluto, como uma área na qual prevalece a total ignorância humana, nenhuma *terra incognita* existe hoje na superfície do planeta” (2014: 7).

Dito de outro modo: hoje, não seria possível um Livingstone, um Amundsen, um Cousteau. Ironia da história, talvez o último grande explorador tenha sido Neil Armstrong, que pisou a Lua, na falta de terra na Terra.

No nosso século, qualquer pessoa pode ter acesso à cartografia terrestre, através de um simples clique. No *Google Earth* estão todas as montanhas, rios, estepes, planícies, desertos e florestas do mundo. E as cidades, também. A terra inteira está em nossa casa, pelo menos na superfície, naquilo que é visível. Curiosamente, quando se abre o *Google Earth*, também se anunciam imagens de Marte e de terrenos subaquáticos.

O espaço tem sido pensado sobretudo na sua horizontalidade, um espaço estendido, esticado, plano, que vai da imagem da nossa casa à imagem da Terra. São estes os limites do espaço? E se puséssemos, como possibilidade, que as *terræ incognitæ* se encontram hoje fora da esfera do visível? Para as conhecer, seria necessário mudar de escala, passar à tridimensionalidade, conferir verticalidade ao espaço.

É preciso abrir o espaço a outras escalas, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, do átomo ao cosmos. A sugestão tem sido avançada por diversos autores. Stefan Helmreich (2008) fez “viagens antropológicas em mares microbianos”, que o levaram a repensar o conceito de vida. Dois anos antes, Hughes Martiny *et al.* (2006) propuseram-se

“colocar os micróbios no mapa”, fundando um novo campo do saber chamado biogeografia microbiana. Paul Rabinow e Nikolas Rose (2006) redefiniram o conceito de “biopoder”, considerando uma paisagem composta não só por populações e indivíduos, mas também por moléculas, genes, células e genomas. Na outra ponta da escala, há quem tenha sugerido os planetas e o próprio cosmos como novos objectos de estudo das Humanidades do século XXI. Basta recordar as propostas de Peter Dickens e James Ormrod (2007) sobre a criação de uma “sociologia do Universo”, ou as *Geografias de Marte* de Maria D. Lane (2011).

As áreas de conhecimento mais dinâmicas estabelecem interpretações entre extremos, entre escalas *micro* e *macro*, que vão para além do olho humano, das frequências do visível, do audível, do palpável. O grande mistério da física contemporânea passa precisamente por estabelecer nexos causais entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno, entre a teoria da relatividade e a física quântica, e ainda está por compreender por que razão a matéria se comporta de forma diferente em escalas atômicas e em escalas cósmicas.

Há muito que este movimento tinha sido percebido na arte e na literatura. Veja-se o desdobramento de imagens até ao infinito ou o *Livro de areia* de Jorge Luís Borges. Aqui, a linha é formada por um número infinito de pontos, o plano por um número infinito de linhas, o volume por um número infinito de planos, o hipervolume por um número infinito de volumes... O *Livro de areia* não tem princípio, nem fim, não tem primeira página, nem última, o espaço e o tempo são infinitos. Por isso, não é fácil para alguém desfazer-se deste objecto, como explica o seu autor: “Pensei no fogo mas temi que a combustão de um livro infinito também fosse infinita e capaz de sufocar com fumo o planeta” (1983: 138).

Não nos basta o espaço que vemos. Precisamos de o abrir, de o multiplicar até ao infinito, de compreender o que está no espaço infinitamente pequeno e no espaço infinitamente grande. Estas são as nossas terras ainda incógnitas.

## II. PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

*Os longes e os pertos da pintura  
todos têm a mesma distância.*

Padre António Vieira

Até à época contemporânea, o espaço definia-se sobretudo pelas distâncias, longínquas, intransponíveis, impossíveis de percorrer e de navegar. A cronologia ocidental reflecte uma leitura do espaço, marcando bem os períodos em que as distâncias se encurtam. As transições historicamente consagradas estão relacionadas com proximidades. Como se a História fosse um caminho que dissolve a separação.

Dois exemplos. Por um lado, a passagem da época medieval para a época moderna, que assinala um conjunto de mudanças culturais, mas também o desenvolvimento de inovações tecnológicas, sobretudo ao nível da navegação, que conduziram à “primeira

globalização” (Hopkins, 2002). Por outro lado, a passagem da época moderna para a época contemporânea, marcada pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa, mas também pelas máquinas da revolução industrial, o motor a vapor e os comboios. Uma vez mais, o mundo encurtou. E a cronologia oficial firma-se neste encurtamento.

Entre os séculos XIX e XX dá-se um momento de viragem na concepção do espaço. O mundo começa a definir-se mais pelas proximidades do que pelas distâncias, torna-se pequeno demais para tanta gente. As guerras mundiais do século XX acontecem num mundo onde se esbatem as fronteiras recortadas pelo mar, pelas cordilheiras ou pelos desertos. O que conta são as “fronteiras imaginadas”, como escreve Benedict Anderson (1983).

A ideia de um mundo limitado, próximo, contíguo, ecoa nos grandes debates das Humanidades, sobretudo quando os processos de globalização se aceleram no último quartel do século XX. Na Antropologia, discute-se hibridismo, cosmopolitismo, multiculturalismo. Na Sociologia, redes e transnacionalismo. Na Geografia, mobilidade, migrações, com o conceito de espaço a ser lido e interpretado como fluxo e movimento. Discutem-se as formas e os modos de habitar um mundo cada vez mais pequeno. Um mundo da proximidade. Um mundo da vizinhança. Como se os longes e os pertos estivessem todos à mesma distância.

Em poucos anos, dá-se novo salto, por via das tecnologias. Fabricam-se outros espaços, potencialmente infinitos. O espaço virtual, sem limites, surge numa altura em que o espaço físico parece diminuto, limitado. O espaço virtual é infinito, por oposição à finitude da Terra. Pensar o espaço no século XXI obriga a compreender a proximidade e a distância, as fronteiras onde os lugares se encontram, as zonas de convergência e de continuidade.

É nesse sentido que Michel Serres se refere aos espaços topológicos, quando explica a realidade dos novos jovens que somos chamados a educar: “Graças ao telemóvel, acedem a todas as pessoas; graças ao GPS, a todos os lugares; graças à teia, a todo o conhecimento: habitam um espaço topológico de vizinhanças enquanto nós vivíamos num espaço métrico marcado por distâncias” (2012: 13). E o filósofo francês explica mesmo que deixou de haver coordenadas cartesianas. Já ninguém distingue os três pontos do plano em que se situa, esteja onde estiver: “As redes fundem-se num curto-circuito geral. O nosso habitat torna-se topológico: de qualquer ponto a qualquer outro, já não há distância mensurável” (2001: 260).

No início do século XX, Georg Simmel já havia identificado a importância da relação entre proximidade e distância, dando conta de como o forasteiro, ou o estranho, tem obrigatoriamente de interagir com quem lhe está fisicamente *próximo*, mas socialmente *distante* (cf. Wolff, 1950). A sua análise merece ser hoje aprofundada, através de uma reflexão sobre as razões que, muitas vezes, nos fazem mais *próximos* de alguém que se encontra longe, e que podemos mesmo nunca ter encontrado, do que do vizinho do lado, formando relações que apagam e dissolvem as *distâncias*. O espaço físico encolheu, encurtou, estreitou. E, neste processo, abriram-se espaços virtuais, trazendo novas proximidades e novas distâncias.

### III. O ESPAÇO NO TEMPO

*Na criativa distância espacitempo (...)  
somos a paisagem da paisagem.  
Carlos Drummond de Andrade*

A artista plástica Ana Freitas propôs-se fotografar o tempo. O físico Mário Novello explicou-lhe que não seria possível, mas propôs-se reflectir com ela sobre a seguinte frase: “A matéria curva o espaço-tempo em um processo eterno”. O diálogo deu origem a textos e exposições, de *arteciência*, que procuram pensar o espaço no tempo.

Somos convidados a olhar para um espaço, que não é limitado apenas pelas suas margens físicas, visíveis, que se liberta dos mapas físicos da mesma forma que o tempo se liberta dos relógios e dos calendários.

Esta reconceptualização é problemática, porque implica uma ruptura com concepções sensoriais de espaço e de tempo, como “coisas” que podem ser vistas e tocadas:

“A principal lição da teoria da relatividade de Einstein é que, quando pensamos nestes temas, não podemos confiar nos sentidos. Tanto Picasso como Einstein acreditavam que a arte e a ciência eram meios para explorar os mundos para além das percepções, para além das aparências” (Miller, 2001: 4).

Por isso, é importante proceder a um duplo trabalho: de desmultiplicação dos espaços, de compreensão das diferentes camadas espaciais, visíveis e invisíveis, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande; e de desdobramento dos tempos, de compreensão de todos os “tempos” que existem num determinado período de tempo. É no cruzamento de distintas espacialidades e temporalidades que se encontram novas possibilidades de conhecimento.

Refira-se, por exemplo, o trabalho em que Tim Cresswell demonstra como “a mobilidade de alguns significa a imobilidade de muitos outros” (2006: 255), como no mesmo espaço e no mesmo tempo coabitam indivíduos que se movimentam e se regem por diferentes temporalidades. No aeroporto de Schiphol, convivem executivos e trabalhadores da limpeza. Para uns, vive-se num tempo rápido, da globalização, cosmopolita, moderno, um tempo em que é possível jantar em Nova Iorque, dormir nos céus e acordar em Singapura. Para outros, que tornam possível a mobilidade dos primeiros, o tempo é lento, de uma vida trabalhadora, rotineira, comum. É o tempo de um dia, com oito horas ou mais de trabalho, ora regulado por normas bem precisas, ora desregulado numa exploração sem limites.

Numa outra perspectiva, é útil prolongar a reflexão feita por Doreen Massey, nos anos noventa, sobre a política e o espaço-tempo. Em vez de uma concepção de tempo como processo linear e de uma perspectiva do espaço como superfície plana, é necessário sublinhar as quatro dimensões (melhor dizendo, as *n-dimensões*) das coisas. De acordo com a sua análise, o espaço não é estático, e o tempo não existe sem espaço. É certo que a espacialidade e a temporalidade são diferentes, mas uma não pode ser conceptualizada na ausência da outra:

“Uma forma de pensar é dizer que o *espacial* é parte integrante da produção da história, e, por isso mesmo, da possibilidade da política, do mesmo modo que o *temporal* é

decisivo para a Geografia. Outra forma, é insistir na inseparabilidade do tempo e do espaço, na sua constituição conjunta através das inter-relações entre fenómenos, isto é, insistir na importância de pensar o espaço-tempo” (1992: 84).

Estes exemplos destinam-se a sublinhar a necessidade de olhar para os vários espaços que existem em cada tempo e para os vários tempos que habitam cada espaço. Abre-se, assim, um mundo de novas interpretações, permitindo que o espaço não fique prisioneiro de uma visão “fixista” e que o tempo se liberte dos calendários e dos relógios. Deste modo, criam-se as condições para compreender a “criativa distância espacitempo”, para compreender relações que contêm sempre uma dimensão espacial e uma dimensão temporal, como verso e reverso da mesma realidade.

\* \* \*

É corrente a ideia de que o século XIX ficou marcado pelo “tempo” e o século XX pelo “espaço”. Mas Edward Soja (1989) escreve que, no momento em que o *moderno* cedeu perante o *pós-moderno*, o espaço passou a ser entendido como uma metáfora, e Yi-Fu Tuan (1977) diz mesmo que se transformou numa abstracção.

Neste contexto, vários autores insistem na “irrelevância do espaço” (Bauman, 2000) ou na “morte da distância” (Cairncross, 1997). A vida e a realidade social passaram a ser metaforizadas como estando num estado líquido, gasoso, disforme, como explica Zygmunt Bauman:

“A mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, mascarada como aniquilação do tempo. Num universo virtual, o espaço pode ser atravessado, literalmente, em ‘tempo nenhum’; a diferença entre o ‘longe’ e o ‘perto’ anula-se. Por isso, o espaço conta pouco, ou não conta nada” (2000: 177).

E, no entanto, como procurámos demonstrar nestas três pequenas conversas, continua a ser importante pensar o espaço, não como metáfora ou abstracção, mas abrindo novas formas de o pensar e de o problematizar.

Em primeiro lugar, pensar para além das frequências do visível, do audível e do palpável. Conferir verticalidade ao espaço. Entender as relações entre o infinitamente grande e o infinitamente pequeno. Um átomo é quase integralmente feito de espaço. A distância que vai do núcleo a um electrão é cerca de 10 000 vezes superior ao raio do próprio núcleo. Entender as profundidades cósmicas e quânticas abre caminho a novas interpretações sobre a vida, a condição humana e o nosso lugar no espaço. Ainda existem muitas *terrae incognitae* por explorar. Apenas não conseguimos vê-las ou não temos olhos que as alcancem.

Em segundo lugar, repensar proximidades e distâncias. Reconhecer que o mundo já foi feito de distâncias intransponíveis (até ao século XIX) e de proximidades sufocantes (século XX), e que, agora, se abrem espaços virtuais, potencialmente infinitos. Ao estudarmos como muitos vivem *longe*, ainda que aqui ao lado, e outros vivem *perto*, ainda que tão distantes, perceberemos as novas instâncias de espaço da condição humana do século XXI, um mundo feito de novas dinâmicas de proximidade e de distância.

Em terceiro lugar, perguntar ao espaço quantos tempos o espaço tem. Einstein e Picasso habitam a mesma época. As ciências, mas também a arte e a literatura, descobriram, no início do século XX, a relatividade do espaço e do tempo. Precisamos de trazer esta mesma ruptura para as ciências sociais e humanas, não nos limitando a reproduzir concepções sensoriais de espaço e de tempo, e abrindo para uma infinidade de novas interpretações.

E assim concluímos as nossas *três conversas*. É impossível ter respostas definitivas para os problemas do nosso século. Mas isso não nos deve impedir de construir respostas provisórias, que nos permitam abrir novas possibilidades de pensar e de agir. Mesmo quando os temas são difíceis, podemos sempre conversar sobre eles. *De espaço*.

## BIBLIOGRAFIA

- Anderson, B. (1983). *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- Andrade, C. D. de (1974). Paisagem: como se faz. In Livraria José Olympio (Ed.), *As impurezas do branco*, (40-41). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Bauman, Z. (2000). Time and space reunited. *Time & Society*, 9 (2/3), 171-185.
- Borges, J. L. (1983). *O livro de areia*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Cairncross, F. (1997). *The death of distance*. Boston: Harvard Business School Press.
- Castelo, B. C. (1874). *Noites de insónia oferecidas a quem não pode dormir*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron.
- Cresswell, T. (2006). *On the move: mobility in the modern Western world*. New York: Routledge.
- Dickens, P. & Ormrod, J. (2007). *Cosmic society: towards a sociology of the universe*. New York: Routledge.
- Freitas, A. & Novello, M. (2012). Diálogos sobre o tempo. *Cosmos e Contexto*, 2.
- Helmreich, S. (2008). *Alien ocean: anthropological voyages in microbial seas*. Berkeley: University of California Press.
- Hopkins, A. G. (2002). *Globalization in world history*. London: Pimlico.
- Lane, M. D. (2011). *Geographies of Mars: seeing and knowing the red planet*. Chicago: University of Chicago Press.
- Martiny, H., et al. (2006). Microbial biogeography: putting microorganisms on the map. *Nature Reviews Microbiology*, 4, 102-112.
- Massey, D. (1992). Politics and space/time. *New Left Review*, 196, 65-84.
- Miller, A. (2001). *Einstein, Picasso: Space, Time, and the beauty that causes havoc*. New York: Basic Books.
- Oliveira, C. de (1979). *Finisterra, paisagem e povoamento*. (3ª ed.). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Rabinow, P. & Rose, N. (2006). Biopower today. *BioSocieties*, 1, 195-217.
- Serres, M. (2012). *Petite poucette*. Paris: Éditions Le Pommier.
- Serres, M. (2001). *Hominescence*. Paris: Éditions Le Pommier.
- Soja, E. (1989). *Postmodern geographies: the reassertion of space in critical social theory*. London: Verso.
- Tuan, Y-F. T. (1977). *Space and place: the perspective of experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Wolf, K. H. (1950). *The sociology of Georg Simmel*. New York: The Free Press.
- Wright, J. K. (2014). Terræ incognitæ: o lugar da imaginação na geografia. *Geograficidade*, 4(2), 4-18.
- Wright, John K. 1947. Terrae Incognitae: The Place of Imagination in Geography *Annals of the Association of American Geographers* 37: 1-15